

TRAJETÓRIAS DE PESQUISA: o grupo COMPASSODF e a História Cultural

Mônica Menezes de Souza¹

Rosália Policarpo Fagundes de Carvalho²

Carmyra Oliveira Batista³

Edilene Simões Costa dos Santos⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo dar a conhecer como a História Cultural (HC) figura nos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelo grupo COMPASSODF. A pesquisa, produzida no campo da história da educação matemática, tem constituído um amplo espaço de reflexão acerca da presença/ausência de elementos produtores de sentidos das práticas de maneira geral. Filiar estudos e pesquisas desse campo a um âmbito teórico-metodológico específico implica escolher uma lente de interpretação. Nesse sentido, a escolha do grupo COMPASSODF, feita pela História Cultural, é apresentada em um breve inventário da produção do grupo. Concluiu-se que os autores base utilizados pelo grupo têm sido Chervel (1990), Le Goff (1990), Julia (2001), Choppin (2002, 2004) e Chartier (2002, 2009); o contínuo estudo do grupo sobre a HC tem qualificado cada vez mais os trabalhos desenvolvidos; é importante o entrelaçamento da história da educação matemática do DF com as demais histórias narradas por pesquisadores de outras localidades para uma ampliação da visão de representações, apropriações e práticas relativas à história da educação matemática do Brasil.

Palavras-chave: História Cultural. COMPASSODF. Educação Matemática.

ABSTRACT

This article aims to expand the knowledge regarding how Cultural History appears in the research projects pursued by the Group COMPASSODF. The research, produced within the field of Mathematical Education History, has revealed itself to be a broad space of reflection upon the presence/absence of elements which generate meaning for techniques, generally. Associating studies and researches of this field to theories and methodologies means choosing a focus of interpretation. For that matter, the choice for COMPASSODF, made by Cultural History, is presented in a brief inventory of said group's productions. The approach of COMPASSODF is based on authors such as Chervel (1990), Le Goff (1990), Julia (2001), Choppin (2002, 2004) e Chartier (2002, 2009); the continuous progress of the group regarding CH has contributed positively to the quality of the activities organized by COMPASSODF. Crossreferencing the history of mathematical education in the Federal District with researches from other locations is of utmost importance for a broader understanding of the representations, appropriations and techniques regarding the history of mathematical education in Brazil.

Keywords: Cultural History. COMPASSODF. Mathematical Education.

¹ Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e membro do COMPASSODF. E-mail profmomicams@yahoo.com.br.

² Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e membro do COMPASSODF, doutoranda da Universidade Anhanguera de São Paulo (UNIAN). E-mail rosaliapolicarpo@yahoo.com.br.

³ Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e membro do COMPASSODF. E-mail carmyra.batista@gmail.com.

⁴ Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e membro do COMPASSODF. E-mail edilenesc@gmail.com.

INTRODUÇÃO

As pesquisas relacionadas ao âmbito histórico da educação matemática apresentam uma complexidade de aspectos, pois envolvem sujeitos históricos e epistêmicos; documentos demarcadores de traços de uma época; cultura, tanto social quanto escolar de vários espaços/tempo geográficos; tendências e vagas pedagógicas; interesses, intenções e tensões entre escolhas e abandonos de práticas.

Além disso, envolvem também a chamada tríplice tarefa do pesquisador: convocar um passado desdobrado, exibir as competências do pesquisador-historiador e persuadir o leitor (Chartier, 2009). Desse modo, tratar de nossas escolhas teórico-metodológicas, obrigatoriamente, levou-nos a uma releitura de nossa prática de pesquisa e de nossa produção, uma tarefa prazerosa.

Esse artigo traz uma breve apresentação do grupo nessa introdução, apresenta uma breve explanação sobre a História Cultural (HC) e um conciso inventário da produção do COMPASSODF com a intenção de dar a conhecer como a HC figura em nossos trabalhos.

O grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Matemática COMPASSODF tinha como objeto de pesquisa o ensino e a aprendizagem da matemática escolar e a educação matemática no Distrito Federal (DF). Em um primeiro momento, o grupo dividiu a pesquisa em instâncias: a Matemática Escolar no início de Brasília; a Matemática Moderna no ensino do DF; o Centro Interescolar de Comunicação Expressão e Matemática; o projeto Um novo currículo de Matemática, vinculado ao Subprograma Educação para a Ciência (SPEC-UnB/CAPES); a Escola Candanga – um projeto político pedagógico do Governo do DF; o Laboratório de Matemática da Universidade de Brasília – UnB/SAMAC; o Curso de Pedagogia para Professores em Exercício no Início de Escolarização – PIE e a seção regional da Sociedade Brasileira de Educação Matemática SBEM-DF.

A metodologia utilizada era a História Oral Temática (Garnica, 2003) e a análise de documentos fundamentada em questões levantadas por Bacellar (2006). A História Oral Temática nos permitia acessar a memória das pessoas que foram protagonistas dessa história e a análise de documentos permitiu-nos narrativas a partir de fontes

escritas da época, segundo o olhar de quem as produziu. Até então, nossas pesquisas eram descritivas e o referencial teórico fazia alusão aos temas dos trabalhos.

Em 2011, o COMPASSODF começou a participar de eventos mais voltados à História da Educação e da Educação Matemática, daí percebemos a necessidade de conhecer e buscar amparo teórico para a constituição de nossas análises a partir da HC e nos reconhecemos, então, como um grupo de pesquisa em história da educação matemática do DF.

Sentimos, nesse momento, a necessidade de redefinir a problematização da pesquisa de cunho longitudinal que passou a ser “qual a história da educação matemática do DF?”. Essa redefinição nos aproximou de importantes grupos de pesquisa. O primeiro foi o grupo de Pesquisa Memória da Educação do Distrito Federal, coordenado pela professora doutora Eva Waisros, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE-UnB) e o segundo foi o Grupo de Pesquisa em História da Educação Matemática (GHEMAT), coordenado pelo professor doutor Wagner Rodrigues Valente, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), o qual nos foi apresentado em 2012 pela professora doutora Aparecida Rodrigues Silva Duarte, orientadora de uma das componentes do grupo à época. A partir daquele mesmo ano, também começamos a estudar autores como Roger Chartier, Michel de Certeau, Dominique Julia e André Chervel, entre outros. Atualmente, consideramos que nossas pesquisas estão em conformidade com a HC, não só porque nos amparamos teórico-metodologicamente nesses autores, mas sim porque buscamos informações, constituímos nossas fontes e narramos uma história observando as permanências e rupturas da história da educação matemática do DF na fala de professores, em livros didáticos, em programas e currículos, na formação de professores, nos cadernos e nas revistas pedagógicas. Nesse sentido, pesquisamos e refletimos como a educação matemática vem se constituindo no DF, isto é, buscamos indícios das representações e apropriações postas nas práticas discursivas – orais ou escritas.

Nosso grupo, de cunho não-institucional, passou a trabalhar conjuntamente aos projetos desses dois grupos. Com o grupo da professora Eva Waisros, aprendemos sobre a importância de se compreender, de maneira ampla, como a educação no DF foi se constituindo entre sonhos e contradições; com o GHEMAT, aprofundamos nossas leituras de base da HC.

É nesse percurso de pesquisa em devir que o grupo se pergunta: quando e como a HC figura na produção do COMPASSODF? Essa questão nos remete a, em seguida, apresentar um breve apontamento sobre a HC.

BREVE NOTA SOBRE A HISTÓRIA CULTURAL

Suscintamente, podemos dizer que a HC preocupou-se com o estudo das mentalidades: simbologias, sentimentos, processos culturais civilizatórios, estereótipos e culturas. Em seu início, essa história tratava de estudos seriais e estatísticos e se atentou às diferenças sociais de pensar, sentir e de compreender o mundo, mesmo que estes aspectos se voltassem para acontecimentos coletivos, repetitivos e de tradições.

Em outra fase, chamada de Nova História Cultural (NHC), as pesquisas buscaram métodos inéditos para a compreensão da relação entre formas simbólicas e o mundo real; aliaram-se a modelos de inteligibilidade de outras áreas de conhecimento para compreender comportamentos individuais e ritos; privilegiaram estudos de caso e fundamentaram-se em três conceitos básicos, representação, apropriação e práticas. Como nos diz Chartier (2009),

uma história que se propõe reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus enunciados se situa, portanto, na tensão entre, por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro lado, as restrições e as convenções que limitam [...] o que lhes é possível pensar, dizer, fazer.
(Chartier, 2009, p. 49)

A HC possibilita o embasamento também de pesquisas que atentam para as singularidades das representações, apropriações e práticas institucionalizadas ou comuns. Em suma, parece-nos possível dizer que a NHC apresenta objetos menos extensos, mas que ganham profundidade por privilegiar o estudo do cotidiano e das práticas culturais.

NOSSA CAMINHADA: DESAFIOS PARA TRABALHAR COM CONCEITOS DA HISTÓRIA CULTURAL (HC)

Trabalhar com os conceitos da HC não foi tarefa fácil, em nossos primeiros trabalhos, mais descrevemos do que analisamos, entretanto, aos poucos estamos nos apropriando de suas ideias e conceitos. Assim, tomamos a HC como um referencial teórico-metodológico de pesquisa para a construção de nossas narrativas históricas.

Com o intuito de apresentar como a HC se configura em nossa produção, expomos sua presença em alguns dos nossos trabalhos.

O trabalho intitulado *A história do ensino-aprendizagem da Matemática no Distrito Federal: paisagem da pesquisa* foi apresentado em 2013, no XI Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM), que ocorreu em Curitiba/PR e teve por objetivo apresentar uma história do ensino e da aprendizagem de matemática no DF. Para tal, fizemos uma periodização composta por nove etapas nas quais buscamos identificar, em cada uma, os movimentos Matemática Tradicional, Matemática Moderna e Educação Matemática.

Concluimos que, ao desenhar uma paisagem da história do ensino-aprendizagem da Matemática, pudemos compreender o espaço/tempo geográfico-sócio-histórico do DF como integrante de movimentos nacionais e internacionais de Educação. A pesquisa possibilitou o resgate de alguns documentos, conhecemos alguns professores pioneiros, suas memórias, seus sentimentos e compreensões sobre o ensino de Matemática.

Ao procedermos a releitura desse primeiro trabalho, evidenciamos a criação de uma periodização. Desconhecíamos, neste caso da história do ensino e de aprendizagem da Matemática do Distrito Federal, que a definição de níveis ou instâncias não implicam em uma ordem de determinações, de representações mentais ou ideológicas, pois são pontos de vistas particulares, ou de um grupo específico, que constituem as forças coalizadoras ou desarticuladoras dos processos, como explica Chartier (2002). Desse modo, ainda estávamos nos adequando a uma transição teórico-metodológica que exigia maior aprofundamento.

No VII Congresso Ibero-americano de Educação Matemática, que ocorreu em Montevideu, no Uruguai, também em 2013, apresentamos o trabalho *O Movimento da Matemática Moderna em Brasília/DF: indícios de sua implementação a partir do relato de dois professores pioneiros*. Esse trabalho teve por objetivos relatar e analisar como os professores pioneiros da educação de Brasília/DF compreenderam e implementaram a Matemática Moderna na educação média no decênio de 1960.

Nas narrativas dos professores pioneiros, valorizamos a memória dos interlocutores, pois “é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (Le Goff, 1990). Os entrevistados trouxeram à tona, em suas memórias, fatos de sua vida profissional e de suas lutas individuais e coletivas na busca de um ensino de qualidade na capital federal, assim como reconstruíram uma história da implantação e utilização da Matemática Moderna em Brasília. Desse modo, foi por meio da ressignificação do vivido que nossos interlocutores fizeram suas narrativas, isto é, registraram marcas positivas ou negativas de suas experiências e impressões.

Nesse trabalho, constatamos nossa tentativa de usar um teórico da HC como argumento de autoridade para salvaguardar a escolha de entrevistar professores pioneiros. Utilizamos especificamente o que Le Goff (1990) define como memória que é a propriedade de conservar certas informações e se refere a um conjunto de funções psíquicas as quais permitem ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. Além disso, não falamos sobre as estratégias políticas, pedagógicas e editoriais que produziram e fizeram circular os livros de Sangiorgi, ou seja, o lugar de poder exercido por esse autor naquele período.

Concluimos que a proposta de Matemática Moderna implementada no DF foi fundamentada nos livros de autoria de Osvaldo Sangiorgi; os pioneiros da educação de Brasília/DF expressaram compreender a Matemática Moderna como uma linguagem e como um elemento unificador do corpo da Matemática; as condições históricas que favoreceram a adoção da Matemática Moderna, na nova capital, foram o espírito desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, então, presidente do Brasil e as ideias educacionais proclamadas por Anísio Teixeira, criador do Plano Educacional de Brasília.

Em 2014, no VI Encontro Brasiliense de Educação Matemática, ocorrido em Brasília/DF, apresentamos o trabalho intitulado *Estudo comparativo entre o programa de aritmética da 3ª série – 1962 e a proposta de ensino de matemática do 4º ano do currículo em movimento da educação básica – 2014* que analisou as permanências e configurações entre o Programa de Aritmética da 3ª série – 1962 e a proposta de ensino de matemática do 4º ano do Currículo em Movimento da Educação Básica, Ensino Fundamental, anos iniciais da escola pública do DF. Na análise dos documentos, utilizamos os conceitos de representação, de apropriação e de práticas de Roger Chartier

(2002). O conceito de representação ajudou-nos a entender as ideias que marcaram o ensino de matemática presentes no programa na 3ª série/1962 e no currículo do 4º ano/2014 da escola pública do DF.

O conceito de apropriação nos fez entender que, quando se trata de documentos oficiais, deles podemos apreender as apropriações dos autores instituídos e institucionais a partir dos conhecimentos e tendências de época e a maneira de se expressar que impregnam os currículos e programas. As práticas discursivas possibilitaram-nos compreender que os documentos analisados cristalizam no tempo as representações e apropriações dos sujeitos partícipes e produtores dos documentos, fundamentalmente, quando de posse de cargos que lhes incumbem o poder de decisão e de protagonismo.

As representações, as apropriações e as práticas, no nosso entender, foram bases importantes para a análise de documentos escolares que servem de orientação para o trabalho pedagógico do professor, principalmente, dos currículos e programas e foram esses conceitos que nos possibilitaram sinalizar permanências e configurações relativas aos programas de matemática.

Em suma, os documentos oficiais analisados nasceram de intencionalidades, portanto, não são desnudos dos contextos sócio-cultural-pedagógicos de sua época.

No XII Seminário temático Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1971): o que dizem as revistas pedagógicas?, Ocorrido na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em Curitiba/PR, no ano de 2015, apresentamos *A circulação de revistas pedagógicas no decênio de 1960 no ensino primário em Brasília/DF*.

Nesse trabalho, socializamos as revistas pedagógicas que circularam junto aos professores primários do DF, no decênio de 1960. Os questionamentos que alavancaram esta produção foram: como a coordenação pedagógica da escola primária do sistema público do DF estava organizada no decênio de 1960? De que maneira se dava a circulação de informações pedagógicas nas escolas da nova capital? Que fatores facilitavam essa divulgação? Quais revistas pedagógicas circulavam no meio educacional da nova capital? Utilizamos, como referencial teórico metodológico, Julia (2001). Primeiramente, tratamos do contexto educacional de Brasília, discorremos sobre o protagonismo de uma professora pioneira do ensino primário da nova capital e, em

seguida, apresentamos duas revistas pedagógicas que circularam em Brasília: a Revista de Ensino/RS e a Revista CEP.

A cultura escolar, segundo Julia (2001), além de permeada pela socialização de práticas entre pares docentes, impostas ou não, também se move a partir da circulação de informações pedagógicas que chegam aos ambientes escolares por meio de impressos educacionais que trazem “novidades metodológicas” ou aspectos didáticos de ensino e de aprendizagem que impulsionam possíveis mudanças das práticas. Um exemplo dessa circulação de informações pedagógicas é o caso da Revista de Ensino do Rio Grande do Sul que também circulou em Brasília na década de 1960.

Concluimos que a Revista de Ensino/RS foi um marco cultural e sua presença em Brasília serviu para enriquecer a formação da professora cujo trabalho influenciou o ensino primário da cidade. A Revista CEP estava voltada às questões locais do sistema educativo do DF e, possivelmente, tenha sido um meio de criação de uma identidade técnico-profissional dos professores antes desses criarem uma identidade local.

No III Congresso Ibero-Americano de História da Educação Matemática, ocorrido em 2015, na cidade de Belém/PA, apresentamos o trabalho *Cinquenta anos de ensino de geometria na 3ª série/4º ano em programas e currículos do Distrito Federal – Brasil*.

Nesse estudo, trabalhamos na direção de responder à questão: como o ensino da geometria se configurou no DF, ao longo de cinco decênios, nos anos iniciais da educação básica, especificamente na 3ª série/4º ano? Para tal, analisamos a proposta de conteúdos e orientações relacionadas ao ensino da geometria no Programa de Aritmética da 3ª série – 1962, no documento Desenvolvendo o Programa de Matemática na Escola Primária – 2ª fase, Distrito Federal – DF, 1970 (GDF, SEC, CEP, DOS), no Conteúdo Programático – Diretrizes para o seu desenvolvimento no ensino de 1º Grau, 3ª Série, 1981, nas orientações para o ensino de matemática na 3ª série, presente no Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal, 1993, e na proposta de ensino de matemática do 4º ano, do Currículo em Movimento da Educação Básica, Ensino Fundamental, anos iniciais da escola pública do DF de 2014.

Uma categoria de análise foi a representação, entendida como “as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real” (Chartier, 2002). Cada currículo apresentado sinalizou emergência, conflito e até mesmo ambivalência de tendências

educacionais, isto é, de formas impregnadas de representações do que vêm a ser ensinar e aprender geometria para crianças que iniciavam a trajetória escolar no DF.

A apropriação foi outra categoria e pode ser compreendida como as condições e os processos que se tornam referências e que condicionam as práticas (Chartier, 2002). No caso dos documentos analisados, marcou o tempo-espaço das representações educacionais de época.

A outra categoria foi currículo prescrito, aquele instituído pelos sistemas de ensino em forma de documento escrito. Em nossa análise, observamos algumas representações de tendências pedagógicas.

A permanência, categoria definida como constância, estabilidade, sinalizou tanto o tempo/lugar da geometria, nos currículos prescritos analisados, quanto ao devir dos aspectos a serem tratados, no ensino da geometria, nas séries/anos iniciais da educação básica do DF, ao longo de cinquenta anos.

Concluimos que o ensino de geometria no DF é pluri-referenciado por questões pedagógicas que advêm de aspectos políticos, históricos-sociais e dos movimentos no ensino da matemática; os currículos analisados deram indícios da pouca importância e isolamento da geometria com exceção do documento de 2014 o qual a relaciona aos demais blocos.

O trabalho *Um olhar atento ao manual didático “Vamos aprender matemática: guia do professor – preliminar”* foi apresentado em Natal/RN, em 2016, no XIV Seminário temático – Saberes Elementares Matemáticos do Ensino Primário (1890-1970): Sobre o que tratam os manuais escolares?

O objetivo desse estudo foi analisar a organização e as orientações dos conteúdos e da metodologia do livro *Vamos aprender Matemática: guia do professor – preliminar*. Utilizamos, como referencial teórico-metodológico, Choppin (2004) e Chervel (1990).

Choppin (2002) embasou nossa análise quanto aos critérios que indicam elementos sobre a difusão de um livro escolar, a duração da vida editorial, o número de edições declaradas, o número das edições indicadas pelas bibliografias e o número de exemplares conservados.

Já Chervel (1990) nos permitiu compreender que os sistemas antigos presentes nas disciplinas escolares permanecem, no momento em que o novo se instala, coexistindo, assim, o novo e o antigo em proporções variáveis.

Concluimos que as autoras do livro tiveram contato com discussões atualizadas sobre o ensino de Matemática da época, que o ensino de número contido no livro apresenta ideias da Matemática Moderna – MM, o layout do livro coaduna com o modelo dos livros de MM e traz a metodologia com ênfase no ensino ativo, portanto, ficaram caracterizadas as apropriações das autoras no que diz respeito a representações da MM.

No 3º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática e Formação de Professores, que aconteceu em 2016, no Campus de São Mateus, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), apresentamos o trabalho *A Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED) e o treinamento de professores para o uso do livro didático*.

Nesse artigo, tivemos por objetivos analisar o alcance da distribuição dos livros didáticos pela COLTED e compreender como ocorreu o treinamento de professores tendo em vista a utilização desses livros. Utilizamos, como referencial teórico-metodológico, Chartier (2002) e Choppin (2004).

A partir de Chartier (2002), analisamos as condições e os processos que se tornam referências e que condicionam as práticas orientadas pela COLTED. Na análise, foi possível perceber as três das quatro funções do livro, definidas por Choppin (2004), a função referencial, a instrumental e a ideológica e a cultural, pois cabia ao livro didático, naquele momento, expressar o currículo, as práticas para aquisição das competências disciplinares e ditar os valores e as condutas pertinentes ao momento político vivido no país. Evidenciamos que, naquele momento, os livros didáticos passaram a expressar o currículo e que as orientações para as práticas se fundamentaram na aquisição de competências disciplinares ditando valores e condutas pertinentes ao momento político vivido no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo dar a conhecer como a HC figura nos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelo grupo COMPASSODF.

A utilização da HC, como aporte teórico-metodológico, tem nos possibilitado fundamentar reflexões a respeito das apropriações, representações e práticas dadas a ler

em documentos, narrativas de professores partícipes desse contexto local e glocal, tendo em vista Brasília/DF ser uma cidade composta por plurirregionalidades, tanto no sentido sócio-cultural, quanto no sentido acadêmico.

Assim, podemos afirmar que estudar os propósitos da HC tem nos permitido acessar fontes orais ou escritas as quais vão delineando compreensões de uma história da educação matemática no DF.

Em suma, o contínuo estudo do grupo sobre a HC tem qualificado cada vez mais os trabalhos que desenvolvemos, pois aprender a historicizar a educação matemática que se desenvolve no DF, mais que descrever aspectos encontrados em documentos, é assumir o compromisso de problematizar fontes; de buscar contextos sócio-histórico-culturais de desejos, intenções e lutas travadas no campo das ideias educacionais, perpassadas por aspectos políticos, econômicos e sociais; de disponibilizar acervos; de dialogar continuamente com o campo de pesquisa, para que a história da educação matemática do DF se entrelace com as demais histórias narradas por pesquisadores de outras localidades e integre a história da educação matemática do Brasil.

REFERÊNCIAS

Bacellar, C. (2006). Uso e mau uso dos arquivos. In Pinsky, C. B. (Org.). *Fontes Históricas* (2nd ed). São Paulo: Contexto.

Chartier, R. (2002). *A História Cultural: entre práticas e representações*. (2nd ed.). (M. M. Galhardo, trad.). Portugal: DIFEL Difusão Editorial S.A.

_____. (2009). *A história ou a leitura do tempo*. (C. Antunes, trad.). Belo Horizonte: Autêntica.

Chervel, A. (1990). História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, 2, 177-229. Recuperado em 18 de setembro de 2016, de https://moodle.fct.unl.pt/pluginfile.php/122510/mod_resource/content/0/Leituras/Chervel01.pdf

Choppin, A. (2002). O historiador e o livro escolar. (M. H. C. Bastos, trad.). *História da Educação*, 6(11), 5-24. Recuperado em 15 de janeiro de 2016, de <http://seer.ufg.br/index.php/asphe/article/view/30596/pdf>

_____. (2004). História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, 30(3), 549-566. Recuperado em 15 de janeiro de 2016, de <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27957/29729>

Garnica, A. V. (2003). História oral e educação matemática: de um inventário a uma regulação. *Revista Zetetiké*, 11(19), 9-55.

Julia, D. (2001). A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, (1), 9-44.

Le Goff, J. (1990). *História e memória*. (B. Leitão, trad.). Campinas: UNICAMP.